

ENTRE DOIS MUNDOS: UM OLHAR SOBRE A LOUCURA FEMININA NOS ROMANCES O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE E A LOUCA DE SERRANO, DE DINA SALÚSTIO

* Universidade de São Paulo - USP

JULIANA PRIMI BRAGA*

A

Resumo

literatura de autoria feminina nas sociedades pós-coloniais é considerada por Gayatri C. Spivak um processo metonímico da saga das mulheres, que, usado como ferramenta de denúncia, possibilita a quebra de mitos e preconceitos há muito reforçados pelo discurso patriarcal. Dentre as mulheres que encontraram sua voz e se fizeram ouvir, merecem destaque as cabo-verdianas Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Orlanda Amarílis e Dulce Almada Duarte, e as moçambicanas Paulina Chiziane e Lília Momplé. Neste texto, baseado em pesquisas que venho fazendo para o Doutorado, pretendo tecer algumas considerações a respeito da temática da loucura representada pelas mulheres africanas, nos romances *A louca de Serrano* e *O alegre canto da perdiz*, de Dina Salústio e Paulina Chiziane, respectivamente.

Palavras-chave: Sociedades pós-coloniais; Escrita feminina; *A louca de Serrano*; *O alegre canto da perdiz*.

“Entre as pernas da mulher, correm os caminhos do mundo”. É com esta frase, da escritora angolana Dya Kasembe, que Chiziane convida o leitor a viajar pelas linhas de *O alegre canto da perdiz* (2008), quem sabe na tentativa de reatualizar o velho mito da mulher redentora. Michelle Perrot (2006, p. 168) atenta para o fato de que as representações de poder das mulheres na arte são numerosas e antigas. Mui-

tas vezes recorrentes, elas modulam a aula inaugural do **Gênesis**, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. Em entrevista a Waltecy Alves dos Santos¹, a autora afirma que

na história do Ocidente, a condição de filhas de Eva é o laço de sangue comum a todas as mulheres do universo. (...). Há diversos relatos bíblicos a este respeito, porém o mito de Adão e a concepção de Eva e sua postura desobediente é o que mais me deixou resquícios na visão ocidental. (CHIZIANE, 2008, p. 158)

Em seus escritos, Chiziane tece sua voz misturada à voz de outras moçambicanas. Considerada a primeira romancista de seu país, ela prefere se definir como “uma contadora de histórias”², já que sua inspiração vem “dos contos à volta da fogueira”, sua “primeira escola de arte”. No recém-publicado romance, o canto e o conto se misturam à voz *griotizadora* da escritora, como bem denominou Jorge Valentim (2008), representados, logo no início da narrativa, pela “velha esposa do régulo”. Como um dos narradores estudados por Walter Benjamin, esta personagem, prestigiada por sua sabedoria – o “lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1996, p. 201) –, conta que o mundo foi criado tendo como centro os montes Namuli. Em entrevista a Gil Filipe no *Jornal Notícias*³, a escritora pontua:

Dizem umas vozes muito idosas (...) que os montes Namuli foram criados no ovo de uma perdiz. Então, é daí que achei formidável criar o título a partir desta mitologia e destas histórias de uma terra também formidável. (CHIZIANE, 2008)

A narrativa nos traz a história de vida da mulher zambeziana⁴, “resultante da projecção metonímica e metafórica em que vão se desdobrando [as personagens] Maria das Dores, Maria Jacinta, Delfina e Serafina” (NGOMANE, 2008, p. 340). A Zambézia, província do centro-norte de Moçambique, onde Paulina Chiziane viveu durante anos e trabalhou como assessora da Direcções Provinciais da Mulher e Coordenação da Acção Social – DPMAS, apesar de seus vastos recursos naturais e do seu potencial agrícola, registra um dos mais elevados índices de pobreza do país: “a maioria de sua população (86,5%) vive nas zonas rurais. O nível de pobreza é de 69,4%, afetando principalmente mulheres e crianças que vivem no campo” (UNFPA, 2006, p. 10). Meninas e meninos, a partir dos 10 anos, fazem os ritos de iniciação. Para as meninas, isso significa que já são aptas para casar, e o casamento precoce origina o abandono da escola, muitas vezes, antes de completarem o primeiro grau de ensino.

Este quinto romance, bem ao estilo de Chiziane, recheado de cenas

1 Entrevista concedida em 05 e 06 de novembro de 2008, no Centro Cultural São Paulo. A transcrição faz parte da dissertação de mestrado do entrevistador intitulada *A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker*. São Paulo: PUC, 2008, p. 158.

2 Palavras de Paulina Chiziane em apresentação feita pela Editorial Caminho, em 09 Nov. 1999.

3 Em 14 de maio de 2008.

4 Aqui valemo-nos do conhecimento histórico proposto por Maria Odila Leite da Silva Dias, em seu artigo “Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças”, o qual propõe a delimitação do lugar, a situação, a posição relativa das mulheres a serem estudadas no conjunto de uma determinada sociedade, de forma a delimitar e problematizar as balizas do conhecimento relativas a estas mulheres (neste caso, as zambezianas), a fim de construir seu próprio conceito. In: *Revista de estudos feministas*. Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, p.273-285, 1994.

do cotidiano, frases curtas, palavras e sintaxe comuns, assemelha-se, por vezes, a um ensaio, composto por quem provou a história de vida da mulher moçambicana e agora submete-a à reflexão, atacando-a de diversos lados e reunindo no olhar do espírito aquilo que viu, de modo a pôr em palavras o que se permitiu vislumbrar (BENSE apud ADORNO, 2008, p. 36). A vida de Delfina, mulher bonita, “uma negra daquelas que os brancos gostam”, analfabeta, que busca superar a linha da raça pelo sexo, é também a história de vida da mulher africana, da “apocalíptica perda do sonho”, numa espécie de visita aos montes Namuli, à cidade do Gurué e a Zambézia.

No quadro histórico de colonialismo, o casamento dela com o negro José dos Montes, delator e assassino de seus conterrâneos, a quem a prostituta trai com outros homens significa a impossibilidade de felicidade, quando se vive sob o anel de ferro da suprema alienação, aquela que não permite sequer a consciência de si próprio (LARANJEIRA, 2008, p. 25).

Ao lado da mulher zambeziana, representada pelas personagens femininas Delfina, Maria das Dores, Maria Jacinta e Serafina, a província da Zambézia configura-se como uma das principais personagens do livro, que, assim como muitas negras, rendeu-se ao poder do branco, como homem ou colonizador, e carrega no corpo as dores e marcas dessa entrega:

De todas as sereias, a Zambézia era a mais bela. Os marinheiros invadiram-na e amaram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada. A Zambézia bela, encantada, gritava em orgasmo pleno: vem, marinheiro, ama-me, te darei um filho. (CHIZIANE, 2008, p. 62-63)

Dividida em trinta e quatro capítulos, a narrativa desenvolve-se com o narrador ora em primeira pessoa (Delfina), ora em terceira pessoa. A loucura de Maria das Dores, filha de Delfina com José (o marido negro), é o que põe em atividade a memória da protagonista, trazendo à tona todos os conturbados acontecimentos que a encaminham à solidão, miséria e separação: os casamentos com José e Soares, o envolvimento sexual com o feiticeiro Simba e a separação dos filhos. A partir daí, inicia-se uma retomada crítica em relação à sua trajetória de vida:

Reinei. Aterrorizei. O único tormento que sofri nesta vida maldita foi a dor de ter perdido. Vinguei-me de tudo. Roubei o amor dos homens, deixando frio nas camas das outras mulheres. Destruí famílias. Arrastei muitas virgens para o abismo e fiz fortuna no meu prostíbulo. Tomei todas as poções mágicas contra a pobreza e afastei todas as rugas do meu rosto. Bailei nua nas noites de lua e hipnotizei os homens da terra inteira, cumprindo o meu supremo destino. (CHIZIANE, 2008, p. 44)

Maria das Dores, a louca do rio, como é conhecida pelos habitantes da região, é a “filha do longe”, estrangeira em relação a si mesma, vitimada pelo conflito, pelo “antagonismo dentro de sua própria razão” (MACHADO, 2005, p. 36). Após sua mãe Delfina ter usado sua virgindade como moeda de troca, entregando-a ao feiticeiro, Maria acaba

tornando-se a primeira esposa de Simba. Ela não suporta a convivência com o marido, que a violenta sexualmente, então faz do álcool e das drogas um anestésico para suas dores, e foge de casa. Assim, encontra na loucura uma forma de resistência. A partir desse momento, Maria das Dores perde o centro que lhe garantia uma identidade culminando na íntima desordem da personagem.

Na Zambézia, a violência doméstica ocorre no lar onde a polícia não pode violar a privacidade do cidadão. De acordo com Jacinta Gemusse (UNFPA, 2006, p. 20), agente da Polícia destacada no Gabinete de Atendimento em Quelimane, “o Comando da Polícia da Zambézia, nesta questão da Violência Doméstica contra mulheres e crianças, é pro-activo. Na tradição, uma mulher que se queixa de violência no lar às autoridades atrai a ira dos familiares do marido. Por isso planeamos trabalhar com o sector de Educação e com o Hospital para ir ao encontro das situações”.

Como uma das personagens do “Teatro do Mundo”⁵, a loucura de Maria das Dores é encenada no palco das ruas, no rio onde nada completamente nua:

A multidão vê a mulher nua sentada num trono de barro, beira do rio. Na posição de lótus, colocando sua intimidade na frescura do rio. Vê-lhe o interior desabrochado, como um antúrio vermelho com rebordos de barro. Vê-lhe as tatuagens no seu ventre de mulher madura. (...). Os pés da mulher nua contaram já muitas pedras no caminho. Palmilharam vários destinos à busca de um tesouro. Como uma condenada a caminhar a vida inteira. Atiraram-lhe pedras por todos os lados onde passou. Expulsaram-na com paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias. (CHIZIANE, 2008, p. 12-13)

Maria das Dores (ou a louca do rio) faz a experiência da loucura em “estado livre”⁶ (FOUCAULT, *apud* FERRAZ, 2000, p. 141), estando em contato permanente com as pessoas das comunidades onde atua e oferecendo-se como espelho, ao colocá-las em contato com a sua própria verdade.

Bernardina de Oliveira Salústio⁷ nasceu em Santo Antão, Cabo Verde, em 27 de março de 1941. Assistente social, professora e jornalista, trabalhou também em Angola e Portugal. Em 1994, recebeu o primeiro prêmio em literatura infantil em Cabo Verde e, neste mesmo ano, publicou a coletânea de contos **Mornas eram as noites**. Membro da Associação dos Escritores Cabo-verdianos, participou da antologia poética **Mirabilis de veias ao sol** e da coletânea **Cabo Verde: insularidade e literatura. A estrelinha Tlim Tlim**, obra infantil, e o romance **A louca de Serrano** foram editados em 1998. Além destes, Dina Salústio é também autora de textos nas revistas **Mudjer**, **Ponto&vírgula**, **Fragmentos**, **Fragata**, no suplemento **Voz di letra** e no jornal **A semana**.

5 O “Teatro do Mundo” era um teatro representado em Veneza, cujo palco era uma nave sem vela e sem leme, à deriva pelos mares. Foucault faz referência a esse teatro como metáfora da loucura do mundo.

6 De acordo com Foucault, a loucura é no essencial experimentada em “estado livre”, ou seja, ela circula, faz parte do cenário e da linguagem comuns, é para cada um uma experiência cotidiana que se procura mais exaltar do que dominar.

7 Referências biográficas extraídas do livro **Mornas eram as noites**, Instituto Camões, 1999.

Sua ficção dá voz ao silêncio das mulheres caboverdianas, sejam prostitutas, alcoólatras, intelectuais ou não intelectuais, como ressalta a escritora em entrevista (2008, p. 218) a Simone Caputo Gomes:

As histórias acontecem ao sabor do vôo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas (...) Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.

Tal preocupação é evidente nos contos de **Mornas eram as noites**, que trazem à tona questões sobre a problemática feminina, como a liberdade da mulher – adiada ou assumida –, a loucura, a bruxaria, a bebedeira, o lesbianismo, a prostituição, a maternidade precoce, a violência conjugal, o abuso e a prostituição infantil e a pedofilia. (GOMES, 2003, p. 273-275)

Com o romance **A louca de Serrano**, primeiro de autoria feminina em Cabo Verde (GOMES, 2000, p. 277), a ficcionista conquista “a promoção de importantes rupturas na atual ficção isleña, marcando assim, de forma assaz singular, a literatura caboverdiana contemporânea” (ALMADA, 2007, p. 1).

A dedicatória no início da obra – “Para Júlia, uma mulher louca que me amou mal eu tinha vivido, essa loucura de não poder esquecer-la” – alerta o leitor sobre o tipo de história que encontrará: a nada comum vivência dos habitantes da enigmática e louca Serrano, uma aldeia rural esquecida da civilização.

Nessa Serrano “quase bela, quase mulher, quase homem” (SALÚSTIO, 2001, p. 15), desdobram-se os mais inusitados acontecimentos, sempre às vistas da Louca, protagonista do romance, destinada a infinitas reencarnações e posta à margem da sociedade por ser fruto de um incesto. É ela quem profetiza, segundo José Luís Hopffer Almada (2007, p. 2), o fim apocalíptico da aldeia num imenso dilúvio trazido pelas águas da barragem (símbolo da modernidade):

repetia que havia de chegar uma hora, mal nascesse o sol, em que as águas iriam levar o vale com elas, livrando o mundo, para sempre dos estupores que eram os serranese e as serranas. Quando ela assim gritava as mulheres corriam a perguntar à parteira se havia alguma verdade naquilo que saía da boca da endemoninhada, espécie que aparecia no povoado, criança desprotegida, para passado pouco tempo erguer o corpo e transformar-se na lembrança ambulante da ameaça que pairava sobre a bela Serrano. Também por isso eles odiavam-na. (SALÚSTIO, 2001, p. 145)

E alerta para a burrice (sua palavra preferida) da aldeia:

A Louca de Serrano, (...), em dias especiais que não se conseguiu localizar nem atribuir uma identidade, gritava que a montanha preparava-se para engolir a aldeia porque não suportava mais sua burrice. (SALÚSTIO, 2001, p. 56)

Filipa, mulher contemporânea, representante da geração feminina dos San Martín, aparece ao lado da Louca, por vezes, confundindo-se com ela, como se esta revelasse o ponto em que a vida de Filipa se mostra frágil, como se refletisse o sem sentido de sua existência. Já que pôde conhecer os mundos da aldeia e da cidade, sua vivência oscila entre a tradição e a modernidade. É filha de Fernanda (ou Genoveva), mulher que enfrenta os preconceitos sociais e raciais, ao eleger um homem negro e sem posses como seu companheiro:

Terá ainda lugar nestas páginas o registo de Filipa que, de acordo com aquilo que a avó materna contou para um advogado, carregava o nome como promessa feita pelo pai ao santo de sua devoção, San Martín, numa manhã que se prolongou por vários dias de gritos, confusão e incertezas sobre o sucesso de um parto dito prematuro. Filipa, uma menina amarrada no silêncio nos melhores anos de sua infância que, quando finalmente livre, não deixou que um dos seus lados de mulher tivesse voz. (SALÚSTIO, 2001, p. 26)

A tradição aparece na figura da parteira (“velha-velha”), detentora do saber e da transmissão deste: é ela quem inicia os rapazes na vida sexual e age como conselheira na cura de problemas com a libido.

A temática da fertilidade é representada por duas personagens: Gremiana e Maninha. A primeira, não se conformando com a procriação, destino reservado às mulheres, prefere a ausência de filhos, denunciando a privação de sexo. Acaba sofrendo as consequências por tal escolha: “desaparece no meio das águas e das pedras (...)” (SALÚSTIO, 2001, p. 73). Maninha, como o próprio nome diz, é estéril. Carrega consigo as dores de pertencer a um mundo onde a fertilidade é símbolo da imobilidade e normalidade sociais.

A fim de caracterizar essa comunidade, Dina Salústio desfaz a fronteira entre o real e o fantástico, aceitando igualmente o ordinário e o extraordinário (GOMES, 2000, p. 278), o que faz o leitor mergulhar nos mundos da razão e da ilusão simultaneamente. Para isso, lança mão de artifícios como a demasiada preocupação com a quantificação e a indefinição do espaço físico em que se desenrola a ação.

Além de tais artifícios, também a fragmentação da narrativa deixa o leitor em dúvida a respeito do que é real e faz parte do cotidiano e o que é fantasia, imaginação. É o que Todorov chama de tempo de hesitação:

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma, contudo, uma decisão, opta por uma ou outra solução, saindo, desse modo, do fantástico. (TODOROV, 2007, p. 47-48)

No já citado artigo “A louca de Serrano”, de Dina Salústio (2000, p.277), Simone Caputo Gomes nos alerta para a possibilidade de Serrano ser Cabo Verde:

Serrano, na pena, pincel ou câmera de Dina Salústio, uma povoação pequena, rural (de sol, chuva, sementeira, colheita), ‘fronteira de fronteiras’, ‘pedaço de terra forte’, de ‘pele lamacenta e alma rochosa’, batida pelo ‘vento incansável’; de mulheres e crianças ‘improvisando o batuque em latas velhas’, onde ‘uma cabra amamenta o bebê’ e alguém ‘se afoga em grogue’, evoca-nos um cenário já conhecido: Santo Antão e, por extensão, Cabo Verde.

A voz dada às personagens tem como propósito o de expressar a loucura, a “face visível da transgressão” (FOUCAULT *apud* MACHADO, 2005, p. 36), a rebeldia e o inconformismo das mulheres que habitam a narrativa:

Nunca mais se falou no nome da jovem, fosse noite pesada ou dia aberto, salvo quando a ribeira corria mais forte, com desespero, se se pode assim dizer e a terra parecia rebentar por todos os lados. Nessas ocasiões ouvia-se (sic) rumores em voz sumida, pensamento só, que no grito das águas que furava o ar era o grito da rebelada que se ouvia. As mulheres mais velhas lembravam então que no meio das águas, a morrer, debatendo-se entre a corrente e as pedras e sabendo que já não podia ir a lugar nenhum de gente viva, Gremiana não suplicou, e gritou e voltou a gritar que os homens de Serrano eram uns animais hipócritas e covardes. Pedacos dos seus gritos berravam ainda que ela não daria nunca ao Valentim o prazer de lhe salvar o seu orgulho podre de homem a troco de ser coberta por macho que não desejasse”. (SALÚSTIO, 2001, p. 73)

Os romances de Paulina Chiziane e Dina Salústio permitem um olhar sobre a loucura não como critério de desrazão, de irracionalidade, mas podendo ser analisada como comportando a verdade da razão em sua própria tentativa de tecer uma rede de sentido – sempre frágil – para a existência humana.

ABSTRACT

The feminine writing in the postcolonial societies is considered by Gayatri C. Spivak a metonymic process used as a denunciation tool that makes possible the myths and preconceptions broke, reinforced by the patriarchal speech for years. Among the women who had found her voice and made to be heard, deserves prominence the cape verdeans Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Orlanda Amarílis and Dulce Almada Duarte, and the mozambicans Paulina Chiziane and Lília Momplé. The objective of this text is to briefly discuss the madness thematic presented in the novels *A Louca de Serrano* (Dina Salústio) and *O alegre canto da perdiz* (Paulina Chiziane).

Key words: Postcolonial societies; The feminine writing; *A louca de Serrano*; *O alegre canto da perdiz*.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2008.
- ALMADA, José Luís Hopffer. "A Louca de Serrano, de Dina Salústio". In: **Jornal A semana**. Praia, 30 de dezembro de 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. "Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças". In: **Revista de estudos feministas**. Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, 1994. p. 273-285.
- DUARTE, Constância L. **Feminismo e luta no Brasil**. Estudos Avançados, vol. 17, n. 49, 2003.
- GOMES, Simone C. "O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde". In: **A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Organização de MATA, Inocência L. S. e PADILHA, Laura Cavalcante. Lisboa: Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 537.
- GOMES, Simone C. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- GOMES, Simone C. "Echoes of Cape Verdean Identity: Literature and Music in the Archipelago". **Cape Verdean: language, literature & music**. Organização de LEITE, Ana Mafalda. Dartmouth: Portuguese Literary & Cultural Studies, University of Massachusetts Dartmouth, n. 8, 2003, p. 273-275.
- GOMES, Simone C. "A Louca de Serrano, de Dina Salústio". In: **Revista Metamorfoses 1**. Lisboa: Cosmos/Cátedra Jorge de Sena – UFRJ, 2000, p. 277.
- LARANJEIRA, Pires. "Paulina Chiziane". Publicado no **Jornal de Letras**, 8, 21-10-2008.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- NGOMANE, Nataniel. Posfácio de **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Editorial Caminho, 2008,
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo, Paz e Terra, 2006.
- SALÚSTIO, Dina. **A louca de Serrano**. Praia: Spleen, 2001.
- SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Lisboa: Instituto Camões, 1999.
- SPIVAK, Gayatri C. **Critique of postcolonial Reason**. Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

VALENTIM, Jorge. "No contra-canto das representações culturais: **O alegre canto da perdiz**, de Paulina Chiziane". Texto apresentado no XI Congresso Internacional da Abralic (FFLCH/USP), em julho de 2008.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

UNFPA. "Igualdade de Género e Empoderamento da Mulher em Moçambique". Maputo, 2006, p. 10.